

capa

Elias Ferreira Veras  
Juliana Frota da Justa Coelho

# Transtopias

## sexopolíticas dos espaços e dos corpos em Fortaleza

### Resumo

Neste artigo, tomamos a capital cearense, Fortaleza, especificamente a região do Centro e os novos usos que travestis, transformistas e *drag queens* fizeram dos seus espaços, a partir da década de 1980 do século XX, para pensar as *transtopias* na cidade. Para tal, elencamos alguns espaços-experiências a partir de nossas pesquisas (COELHO, 2012; VERAS, 2017), como o Edifício Jalcy, localizado na Avenida Duque de Caxias; o carnaval, realizado na mesma avenida até os anos de 1980; o *trottoir* na Praça do Ferreira e nas ruas que margeiam essa praça; as boates e cinemas pornô do Centro. Os conceitos *heterotopia* (FOUCAULT, 2013) e *sexopolítica* (PRECIADO, 2011) foram fundamentais para pensar os espaços transtópicos de Fortaleza. Desse modo, falaremos de transtopias como heterotopias singulares e situadas, onde foram estabelecidas novas relações sexopolíticas de resistências às heteronormas de gênero e sexualidade (BUTLER, 2003) e de controle da *urbes*, mas também de criação de novos espaços e subjetividades, que revelam uma cidade em constantes e conflituosos processos de transformação.

**Palavras-chave:** Transtopias; Sexopolítica; Cidade; Controle; Resistência.

### Abstract

In this paper, we take the capital of Ceará, Fortaleza, specifically the downtown area and the new uses that travestis, transformistas and drag queens made of its spaces, from the XX century's 80's, to think about the transtopies in the city. To this end, we list some spaces-experiences from our researches (COELHO, 2012; VERAS, 2017), such as the Jalcy Building, located at Avenida Duque de Caxias; the carnival, held in the same avenue until the 1980s; the *trottoir* in the Ferreira Square and the streets that border it; the nightclubs and porn movie theaters. The concepts *heterotopia* (FOUCAULT, 2013) and *sexopolitics* (PRECIADO, 2011) were fundamental to think about transtopic spaces in Fortaleza. Thus, we will talk about transtopies as singular and situated heterotopies, where new sexopolitical relations of resistance to heteronorms of gender and sexuality (BUTLER, 2003) and of city control were established, but also of creation of new spaces and subjectivities, which reveal a city in constant and conflicting processes of transformation.

**Keywords:** Transtopies; Sexopolitics; City; Control; Resistance.

### Elias Ferreira Veras

é professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE-FAFIDAM). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorado em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É coordenador do Grupo de Estudos em História, Gênero e Sexualidade (GEHGS-UECE-FAFIDAM), pesquisador do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH-UFSC) e do Grupo de Pesquisas e Estudos em História e Gênero (GPEHG-UFC).

[eliashistoria@yahoo.com.br](mailto:eliashistoria@yahoo.com.br)

### Juliana Frota da Justa Coelho

possui graduação em Psicologia e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e membro do Grupo de Pesquisa em Sexualidade, Entretenimento e Corpo (SexEnt/UFSCar).

[julianafjusta@gmail.com](mailto:julianafjusta@gmail.com)

Cada cidade é múltipla em seus macros e microcosmos de regras, instituições, insurgências, privilégios e demais hierarquias que pretendem organizá-la de acordo com projetos políticos do que deve ser uma cidade “ordenada”. Entre os disciplinamentos, estão aqueles relacionados aos corpos, que devem saber se portar em espaços reservados ao público e ao privado. Em outras palavras, as sexualidades, gêneros, desejos e os locais reservados a eles também fazem parte desse planejamento. A busca por esse ordenamento oficial (planos urbanísticos, políticas públicas, visibilização e invisibilização de sujeitos e espaços), contudo, não se dá sem resistências.

Aqui, tomamos a capital cearense, Fortaleza, especificamente a região do Centro e os novos usos que travestis, transformistas e *drag queens* fizeram dos seus espaços, a partir da década de 1980 do século XX, como lugar de nossas reflexões. Historicamente, essa parte da cidade tem sido palco de variadas experiências trans. Não temos a pretensão de abarcar todas elas (e nem pretendemos) e, desse modo, elencamos algumas espaço-temporalidades a partir de nossas pesquisas (COELHO, 2012; VERAS, 2017). Logo, avenidas, prédios, apartamentos, praças, boates, concursos e cinemas pornôns serão os principais espaços a serem discutidos.

Teoricamente, partimos de dois conceitos: **heterotopia** (FOUCAULT, 2013) e **sexopolítica** (PRECIADO, 2011). No entanto, esses conceitos serão entendidos como saberes localizados (HARAWAY, 1995), ou seja, como produções que só fazem sentido quando levamos em consideração as condições geopolíticas de sua produção. Em outras palavras, partimos das singularidades do contexto nordestino e fortalezense para dialogar com as potencialidades desses conceitos.

Michel Foucault (2013) definiu as heterotopias como “espaços diferentes”, que produzem brechas

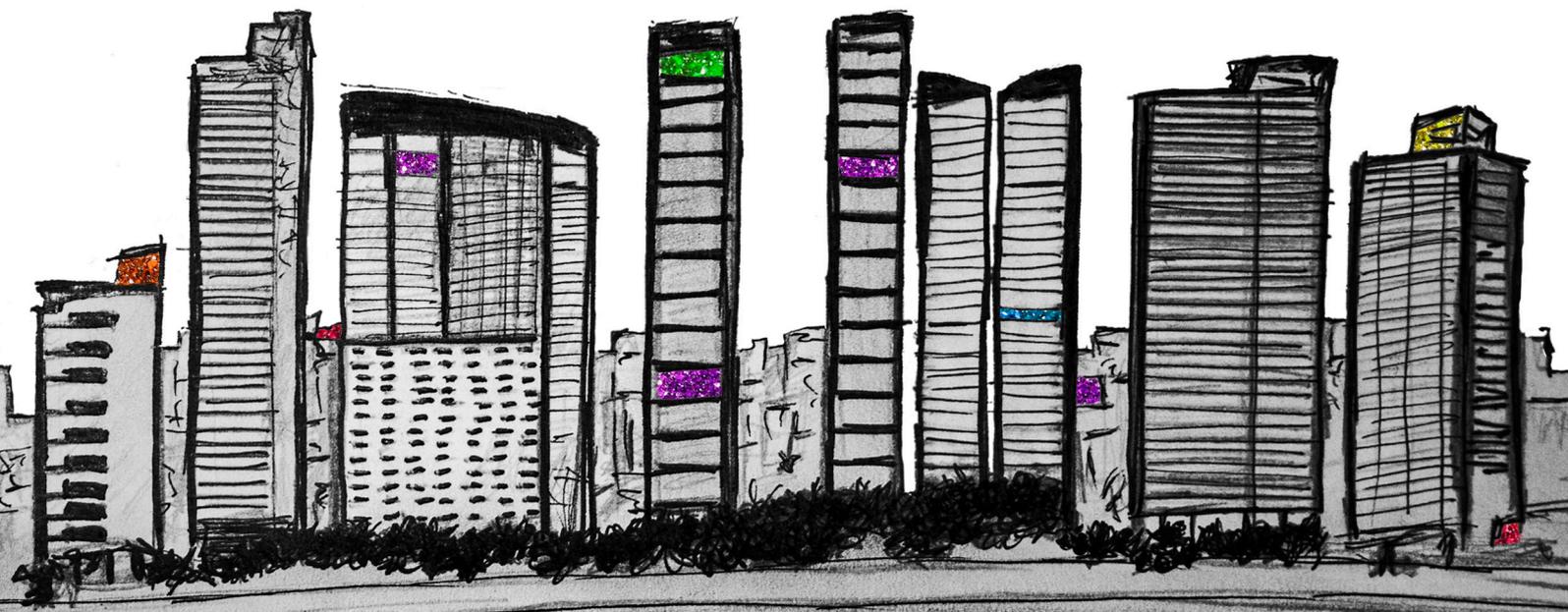
nas formas tradicionais de espacialização. Os jardins, os cemitérios, os asilos, as casas de tolerância, os museus, as bibliotecas, os teatros, as feiras, as prisões, as colônias de férias são tomados por Foucault como exemplos de contraespaços instauradores de novas apropriações (espaciais) e invenções (subjetividades). Toda sociedade possui esses “espaços outros” (históricos, inconstantes, variados, inventados, reconstruídos e reorganizados), sendo esse o fundamento primeiro da ciência *heterotopologia*, proposta por Foucault.

Com lembra Daniel Defert, as heterotopias ritualizam cortes, limiares, desvios e os localizam, sendo marcadas por descontinuidades e rupturas. Os espaços heterotópicos não

[...] refletem a estrutura social nem a da produção, não são um sistema sócio-histórico nem uma ideologia, mas rupturas da vida ordinária, imaginário, representações polifônicas da vida, da morte, do amor, de Eros e Tânatos (DEFERT, 2013, p. 38).

Pensar as heterotopias como contraespaços que contestam o ordenamento cotidiano das cidades e das experiências que têm lugar nestas também é interpelar as tecnologias de normalização dos espaços e dos corpos. Nesse sentido, pensamos os espaços heterotópicos atravessados pela **sexopolítica**<sup>1</sup> (PRECIADO, 2011), suas tentativas de controle dos corpos, de gestão da circulação, mas também as resistências, pois os corpos não são meros receptácu-

<sup>1</sup> Para Preciado (2011, p. 11), sexopolítica “é uma das formas dominantes de ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo [...] entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida”. Neste artigo, usamos esse conceito de forma situada, ou seja, a partir de experiências que têm lugar em Fortaleza, mas que são atravessadas também por outras geopolíticas.



los de discursos, mas potências políticas e lugares de criação.

As tentativas de normalização sexopolítica estão nas ocupações de seus diferentes espaços, nas permissões e proibições, entradas e saídas, nas arquiteturas de prédios, praças, hospitais, escolas, nos territórios afetivos e moventes dos habitantes que atualizam a cidade. Ao mesmo tempo, a apropriação política dessas tecnologias normalizadoras para contestá-las também pode ser lida como aberturas de novos espaços de resistências na cidade.

Assim, falaremos de **transtopias**, ou seja, dos espaços e corpos **trans**,<sup>2</sup> suas tentativas de controle e resistências a partir das experiências na cidade de Fortaleza. Transtopias, como heterotopias singulares e situadas, nas quais podem ser estabelecidas novas relações entre sujeitos e cidade: de resistências às heteronormas<sup>3</sup> de gênero e sexualidade e de controle da *urbes*, mas também de criação de espaços e subjetividades trans.

As festas organizadas por bichas e travestis nos apartamentos do Edifício Jalcy, localizado na Avenida Duque de Caxias; o carnaval, realizado na mesma avenida até os anos de 1980; os concursos de beleza (gay, transformista, travesti), que aconteciam nos palcos do Theatro José de Alencar e nas boates Casablanca e Feitiço; o trottoir na Praça do Ferreira (palco político e cultural de importantes acontecimentos da história do Ceará), e nas ruas que margeiam essa praça; e ainda, os bares, pensões e cinemas pornôs, espaços do centro de Fortaleza, são pensados como transtopias, que, por determinados períodos do dia e do ano, possibilitaram outros modos de vida na cidade.

### § § §

Em 1982, um articulista do jornal Diário do Nordeste, de Fortaleza, refletindo sobre o carnaval da capital cearense daquele ano, afirmou: “abro os jornais e a conversa é a mesma. As fotos as mesmas. [...] No asfalto da [Avenida] Duque de Caxias, o desfile de sempre com os travestis gozando a glória de Momo, dando um colorido diferente ao monótono esquema

2 Não pretendemos estabelecer uma definição totalizante e imutável para a categoria experiências trans. Esta aparece no presente texto para designar uma pluralidade de experiências (travestis, transformistas, *drag queens*) que, em diferentes contextos históricos, como o/a leitor/a perceberá no nosso artigo, assume significados particulares.

3 Para a filósofa Judith Butler (2003), há uma matriz reguladora da significação dos corpos, principalmente no “Ocidente”, que os materializa como normais ou anormais tendo em vista a falsa naturalização da heterossexualidade como modelo a ser seguido para se chegar à condição de humano.

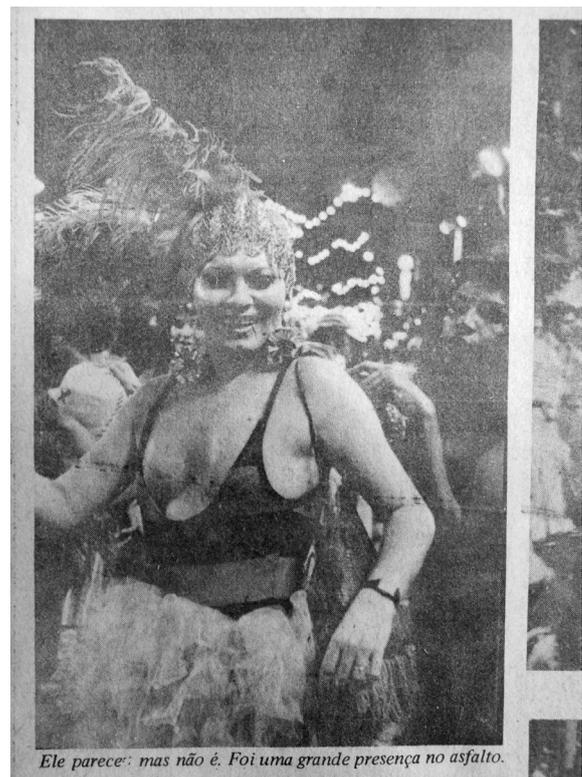
de segurança dos policiais fardados” (Diário do Nordeste, 18 mar. 1982, p. 15).

Ao comentar o carnaval na Avenida Duque de Caxias, localizada na região central de Fortaleza, o articulista não deixou de destacar a presença das travestis durante a festa. Não se tratava somente do “bloco dos sujos”, ou seja, de homens presumidamente heterossexuais que se “vestiam de mulher” em cordões e blocos – os cordões “Coca-Cola” e “Meninas do Cocorote”, que satirizavam as moças que namoravam os soldados norte-americanos instalados em Fortaleza durante a Segunda Guerra Mundial, tornaram-se famosos na década de 1940 –, mas da emergência, no espaço carnavalesco e da cidade, de novos jogos com o gênero, o corpo e a sexualidade, cuja experiência travesti é paradigmática.

Durante a festa carnavalesca, travestis como Andréia (Figura 1), que teve sua fotografia publicada, sem o seu nome, na edição de carnaval do jornal O Povo, de Fortaleza, aproveitavam os blocos, os desfiles e os bailes de fantasia para instaurarem novos jogos com o feminino.

Para Rogéria Chacrety, travesti de Fortaleza, a festa carnavalesca surge como palco de experimentação e visibilidade. O carnaval de 1978 foi lembrado por ela como momento fundante em sua experiência travesti:

Figura 1: Andréia desfilando na Avenida Duque de Caxias



Ele parece: mas não é. Foi uma grande presença no asfalto.

Fonte: O desfile na avenida. O Povo, 20 fev. 1980, p. 12. Acervo: BPGMP.

Na época, comecei a assumir mesmo assim, com treze, quatorze [anos]. Eu já sabia o que eu queria ser. Mas travesti é de 77 pra cá, depois. Só que eu passei um ano, depois do carnaval de 77, ainda estava aquela ditadura [militar] imensa. Mexendo com todo mundo. Eu digo: – Não! Eu vou dar um tempo. Aí 78... Carnaval... Aí me vesti de mulher de novo, travesti. Já tinha peito e tudo.<sup>4</sup>

Para Rogéria e, provavelmente, para Andréia, a festa momina surge como momento para “virar travesti” – expressão êmica utilizada entre algumas travestis de Fortaleza que iniciaram seu processo de transformação corporal e afirmação de identidade de gênero feminina, na década de 1980 –, quando exibia-se publicamente as transformações corporais proporcionadas pelas novas técnicas – Teresa de Laurettis (1994), chamaria “tecnologias de gênero” –, como o uso do silicone. Momento de maior liberdade, de “glória” e de “glamour”: “A gente era glamorosa. Queria ser bonita”, lembra Rogéria.

Como mostra o comentário do articulista do jornal *Diário do Nordeste*, a fotografia de Andréia, publicada no *O Povo* e as narrativas de Rogéria Chacrety, ao participar do carnaval, ou melhor, dos blocos, desfiles e bailes de fantasia realizados na Avenida Duque de Caxias, as travestis, ganhavam – temporariamente e não sem resistências –, visibilidade e reconhecimento social.

O carnaval e a crescente visibilidade midiática em torno das travestis contribuíram, a despeito das resistências, para que as experiências trans ganhassem uma dimensão mais pública, extrapolando os apartamentos, sítios e praias, como acontecia no início do século XX (GREEN, 2000; TREVISAN, 2011; VERAS, 2017). A primeira geração de sujeitos (auto) identificados como travestis, no Brasil, emerge desse espaço transtópico.

A Avenida Duque de Caxias não aparece na imprensa da década de 1980 ou nas memórias das travestis somente pela importância do carnaval, realizado no logradouro ao longo dos anos de 1980, mas também por estarem localizados às suas margens outros espaços importantes para a sociabilidade trans (e homossexual). Ao longo da “Passarela”, como a Avenida era chamada na imprensa da época, “garotas em trajes curtos, flertando com rapazes próximos, em busca de amores fortuitos. Do lado oposto, gays e travestis enchiam o quarteirão, numa efervescência sexual intensa, que deixava entrever a liberdade despudorada dos anos 1970 [e sua intensificação na década de 1980]” (RICARDO, 2004, p. 04), trans-

formavam praças, ruas, esquinas, bares, boates, principalmente no período noturno, em espaços (temporários) de mais liberdade.

Thina Rodrigues, travesti de Fortaleza se recorda que:

A gente ia pros barzinhos, [...] a maioria desses anos oitenta, era focado mais na [Avenida] Duque de Caxias. Aí tinha Inferninho, tinha Duques e Barões, aí de Duques e Barões passou para Qui Cesar. Aí tinha boate Casablanca, tinha Feitiços Bar. Tinha vários pontos que a gente podia estar lá, entendeu? A gente podia... Não era discriminado que era nosso ambiente. A gente andava sem ser molestado, sem nada.<sup>5</sup>

No edifício Jalcy, por exemplo, ainda hoje localizado na Avenida Duque de Caxias, bichas, gays e travestis se encontravam para se preparar para o carnaval. Além de ser o “quartel general das bichas” durante a festa momina, como lembrou Bianca<sup>6</sup> – que durante uma parte da vida participou de blocos formados por homossexuais e travestis, como o *Flaggay*, e de bailes de fantasias, como os realizados no Ginásio Paulo Sarasate, promovido pela prefeitura da cidade –, naquele edifício também eram realizadas festas temáticas e concursos de beleza que tinham como participantes homossexuais, bichas, bonecas, travestis e transexuais (esses termos estavam presentes na década de 1980, muitas vezes justapostos).

O Jalcy, os bares e boates localizados na “Passarela” formavam um circuito de “espaços outros”, onde foram instauradas rupturas das normas sociais, possibilitando, ainda que provisoriamente, relações singulares de experimentação (de performances femininas) e de invenção de novos modos de subjetivação.

Todavia, não é apenas a Avenida Duque de Caxias, principalmente durante a festa momina ou no período noturno, o único espaço da cidade considerado transtópico. A Praça do Ferreira, localizada no centro de Fortaleza, também tinha as relações habituais entre forma e função alteradas com presença de travestis e homossexuais.

Foi através da ocupação noturna das ruas e das praças do centro da cidade, como a Praça do Ferreira, que as travestis despertaram a atenção da grande mídia e da polícia na década de 1980. Enquanto, no período da manhã, as praças do Ferreira, José de Alencar, Castro Carreira (essa última conhecida como

<sup>4</sup> Rogéria Chacrety, travesti de Fortaleza, em entrevista concedida a Elias Ferreira Veras em 16 de janeiro de 2012.

<sup>5</sup> Thina Rodrigues, travesti de Fortaleza, em entrevista concedida a Elias Ferreira Veras, realizada em 8 de janeiro de 2011.

<sup>6</sup> Bianca, em entrevista concedida a Elias Ferreira Veras, realizada em 17 de fevereiro de 2011.

Praça da Estação) e o Passeio Público, localizadas no centro, assumiam visibilidade como lugares diversificados de circulação de transeuntes e produtos, no período da noite esses logradouros públicos da capital cearense se transformavam, segundo a imprensa, em um “verdadeiro antro de marginais”.

Durante o dia, entre edifícios históricos, como o Cine São Luiz (Praça do Ferreira), Theatro José de Alencar (Praça José de Alencar) e Estação João Filipe (Praça Castro Carreira), trabalhavam vendedores ambulantes de bolsas, calçados, bombons, cigarros, brinquedos, cerâmica, óculos, pipoca, sorvete, sanduíches, refrigerantes, acarajé e cafezinho que se misturavam aos donos de bancas de revistas e de jogo do bicho, e, também, aos mendigos, *hippies* e “trombadinhas”.

Durante a noite, os logradouros, como a Praça do Ferreira e as ruas próximas, eram transformados em território de encontros de travestis e homossexuais. Ali, alguns/as praticavam o *trottoir*, como ficou conhecido o tipo de prostituição de rua mais comum em Fortaleza e em outros centros urbanos brasileiros naquele período. Somente na área próxima ao Correio Central de Fortaleza, no centro da cidade, encontrava-se, em meados da década de 1980, uma média de trinta travestis que, geralmente, começavam “a baixar no local” por volta das 21 horas e permaneciam, aproximadamente, até as 3 horas da manhã, “dependendo do movimento”.

Tal ocupação causava indignação entre alguns moradores de Fortaleza. Em 1989, o jornal O Povo publicou, na seção “opinião do leitor”, a seguinte carta:

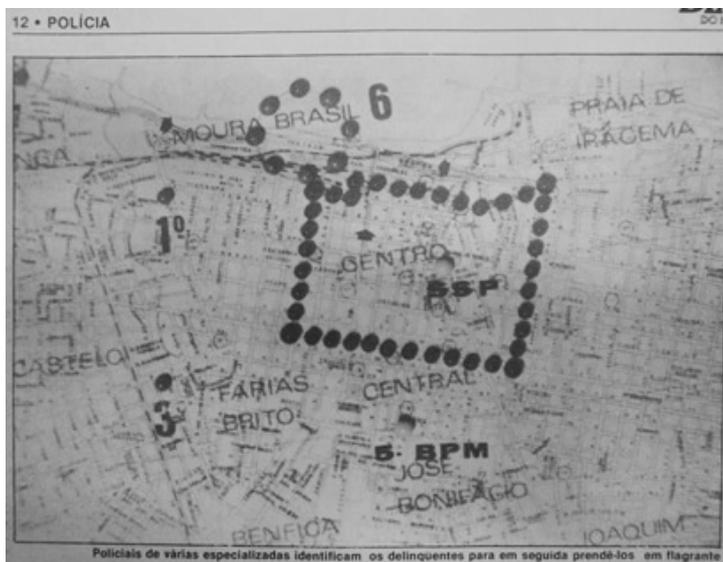
Sr. Editor: Virou moda em Fortaleza elementos desocupados e de mente desequilibrada atuarem no centro de Fortaleza, no horário noturno, para quebrar com pedras as vitrines das lojas, como também tocar fogo nas mesmas. Os grandes responsáveis pelas bagunças feitas no centro de Fortaleza, no horário noturno, são os travestis, que não são somente pederastas, mas também gatunos e desordeiros. Eles ficam na Av. Duque de Caxias com a Rua Senador Pompeu, desfilando nus, num flagrante desrespeito às famílias como também assaltando pessoas. E fazem também da abandonada Praça do Ferreira seu palco de desordem, juntamente com os mirins chamados trombadinhas, que adoram dar prejuízo a quem quer que seja. O povo dará os parabéns merecidos à Polícia Militar do Ceará se colocar no centro de Fortaleza, no horário noturno, motos, cães amestrados e também a cavalaria. É preciso que nossa milícia faça esse policiamento todas as noites e que não haja somente uma medida de impacto, para pressionar lojistas e a população (GONÇALVES, 1989, p. 06).

Essa projeção heteronormativa da travesti como potencialmente criminosa constituiu o dispositivo do estigma travesti (VERAS, 2017) em Fortaleza. Tal visibilidade também produziu uma cidade em perigo, que necessitava de proteção (policial). Um mapa produzido pela Secretaria de Segurança Pública do Ceará, publicado no jornal Diário do Nordeste (Figura 2), reforçou a imagem do centro cercado por perigo, ameaçado por “delinquentes” e “marginais”. A área pontilhada na imagem indica uma cidade, ou melhor, seu centro, sitiado por “marginais” e pela força policial.

Enquanto, em outras reportagens da década de 1980, o Centro e a Praça do Ferreira apareceram como palco de manifestações políticas e culturais – o protesto contra a violência sofrida pelas mulheres, realizado pelo Centro Popular da Mulher; a vigília a favor da emenda “Dante de Oliveira”; a comemoração da vitória de Tancredo Neves para presidente do Brasil; a vitória de Maria Luiza para Prefeitura de Fortaleza, para lembrar apenas algumas manifestações ocorridas na década de 1980 –, no mapa, o Centro surge como território ameaçado, que necessitava de proteção.

Se, para a imprensa e para parte da população, a presença de travestis na Praça do Ferreira necessitava de policiamento, entre as travestis o *trottoir* ganhava outros significados, o que nos leva a pensar nas transtopias. Ora, se o dispositivo do estigma, operacionalizado pela imprensa, restringiu a ocupação do centro de Fortaleza por travestis e homossexuais à “desordem”, contribuindo para a produção de um sujeito travesti perigoso e marginal, entre as travestis,

Figura 2: Mapa do centro de Fortaleza “sitiado”



Fonte: Polícia fecha cerco no Centro contra marginais. Diário do Nordeste, 8 dez. 1984, p. 12. Acervo: BPGMP

tal espaço ganhou outros significados.

As travestis se apropriaram das praças e ruas da cidade como “palco” e “passarela”. Diferente dos palcos do Theatro José de Alencar, que investia nos espetáculos teatrais protagonizados por travestis famosas na década de 1980, como Rogéria, Jane di Castro e Roberta Close, as ruas e praças foram espaços onde o estrelato e glamour poderia ser vivenciado por (quase) todas.

Corpos-palcos-heterotópicos, que, temporariamente (a partir das 22h, a julgar pelas denúncias nos jornais de Fortaleza), e, não sem tentativas de controle, fissuraram as sexopolíticas de normalização da cidade. “Não sei por que estou aqui, mas gosto dessa coisa do brilho, de ser mulher, de transar um vestido, acho a liberdade isto”, revelou Valéria, travesti cearense, que frequentava a Praça do Ferreira (NEIVA, 1984, p. 3).

Nesse sentido, enquanto as praças, ruas e bares de Fortaleza frequentados por travestis apareceram no discurso midiático como “antro de marginais”, para algumas travestis, funcionaram como o espaço público de mais liberdade, ou seja, como transtopias.

O centro de Fortaleza também foi palco das principais boates que investiram no ramo de espetáculos trans (COELHO, 2012). O final da década de 1970 e o começo dos 1980, na capital cearense, ainda no período da ditadura militar, vislumbraram uma nova forma de ocupar a cidade durante outros períodos do ano (transbordando o período carnavalesco) por aquelas pessoas que eram tidas como subversivas ou desviantes dos padrões hegemônicos de gênero e sexualidade: surgem as primeiras boates que tinham entre suas atrações shows de transformistas e travestis. Sobre as performances trans nos espetáculos, Afonso Matos,<sup>7</sup> professor universitário aposentado, é categórico: “foram o choque na era moderna pra que as pessoas vissem não só a prostituição, mas uma arte gay.<sup>8</sup> Contextualizavam o gay dentro do teatro e dava numa coisa certíssima” (COELHO, 2012, p. 94).

Por volta de 1982, a boate Casablanca abre suas portas na Avenida Duque de Caxias, tendo como principal atração esses espetáculos. Considerada o berço da primeira geração de artistas travestis e transformistas, essa boate tinha como apresentadora a transformista Dayany Princy, que ainda hoje organiza concursos de beleza gay e trans. Nessa boate,

7 Entrevista concedida à Juliana Coelho em 30 de outubro de 2008.

8 Afonso, ao falar de uma arte gay, também contempla transformistas e travestis. Nesse trecho, ele fala da reação da população fortalezense em relação, inicialmente, as apresentações pioneiras do grupo de transformistas “Transação”, de Recife, que aconteciam na Praia do Futuro, em Fortaleza, em 1979.



Figura 3: Cartaz do evento Transfest, realizado na Boate Divine em 2012

também foi criado um “grupo performático” chamado Metamorfose, que organizava seus espetáculos de acordo com os locais: boates ou teatros. O sucesso fez com que esse grupo se apresentasse em locais tradicionais da capital cearense, como o centenário Theatro José de Alencar, com uma variedade de público que extrapolava o que se convencionou chamar de “LGBT”. Princy lembra com orgulho das novas formas de visibilidade conquistadas a partir de performances artísticas:

O primeiro aconteceu e sentimos que as pessoas foram, fizemos quase dois meses no Teatro Universitário e toda vida era lotado! Quer dizer, você do Ceará, fazendo um espetáculo gay e as pessoas indo assistir, pagando para assistir, tá entendendo? Começamos naquele teatro pequeno até que resolvemos montar o Metamorfose Show no Theatro José de Alencar. Fizemos o primeiro final de semana, lotou, depois o segundo, lotou também. Depois que aconteceu no Teatro Universitário e foi pro Theatro José de Alencar, nós começamos a viajar. Fomos pro Piauí, viajamos pra Recife, Natal... Um elenco de onze transformistas, entre trans e bailarinos (COELHO, 2012, p. 95).

O sucesso da boate Casablanca nos anos 1980 e 1990<sup>9</sup> inspirou outros empreendimentos tanto no Centro quanto em outros locais da cidade. Já no ano 2000 surge aquela que é considerada a boate mais icônica de Fortaleza: a Boate Divine. Localizada na Rua General Sampaio, região central, a Divine era considerada um celeiro de artistas travestis, transformistas e *drag queens*.

9 A boate Casablanca encerrou suas atividades por volta de 1992.

Palco de importantes concursos e eventos, tais quais “Transformistas do Ano”, “Top Drag” (GADELHA, 2009) e “Transfest” (Figura 3), a Divine foi a boate que mais perdurou no cenário dos espetáculos trans de Fortaleza. Inaugurada em janeiro de 2000 e fechada em 2015, às vésperas de completar quinze anos de existência, a boate apresentava espetáculos de transformistas, travestis e *drag queens* todas as sextas, sábados e domingos, configurando-se como o ápice para a visibilidade de *performers* trans, que eram admiradas por seu talento na arte de dublar, dançar, interpretar, muitas vezes sendo consideradas divas. Nas palavras da transformista e diretora artística da Divine, Condessa Mireille Blanche:<sup>10</sup> “[...] se não passarem pelo palco da Divine pra dar o nome delas lá, é como se tivessem ido à Roma sem ver o Papa.”

Após o fechamento da Divine e a consequente “orfandade” de artistas trans e de seu público cativo, há uma interessante movimentação na cidade: poucas boates têm espetáculos trans como carro-chefe, mas, por outro lado, há pessoas (travestis, transformistas, *drag queens*, transexuais), principalmente mais jovens, que se expõem mais publicamente ao sair, não só para fazer shows, como também para frequentar outros espaços da cidade, em diferentes horários do dia.

É importante ressaltar que situações de preconceito e vulnerabilidade também perpassam as experiências trans nas boates. Na década de 1980 as batidas policiais eram algo corriqueiro, geralmente com a justificativa de inibir o tráfico de drogas, a prostituição e a entrada de menores de 18 anos. Driblar ou enfrentar a polícia, ainda sob o espectro da ditadura, exigia não apenas coragem, mas também astúcia. As ações empreendidas iam contra um planejamento urbano no qual pontos de encontros para esse público não eram contemplados. Esses acontecimentos parecem ratificar o que De Certeau (1994) afirma sobre a vida urbana: ela sempre deixa remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. Ainda que situações como essas aconteçam em número relativamente menor nos anos 2000, tentativas de silenciamento e opressão ainda persistem.

Por outro lado, as boates são vistas e experienciadas como um dos espaços nos quais é possível “dar close” com mais liberdade, não só em seu palco principal, mas ao fazer de seus outros espaços (bares, banheiros, pista de dança) palcos nos quais outras redes de relações podem ser construídas com mais liberdade. As normatividades higienizadoras, apesar de não desaparecerem por completo, são confrontadas com

outros modos de experienciar os corpos, as sexualidades, os gêneros e desejos, movimentando a sexopolítica da cidade.

Outro espaço que consideramos transtópico no centro da capital cearense são os cinemas pornô que permitem travestis em seus estabelecimentos. O circuito de cinemas pornô (conhecidos êmicamente como “cinemões”) de Fortaleza também pode ser compreendido a partir de suas arquiteturas, público e localização nessa cidade (todos, desde o início, localizam-se no Centro).

Inicialmente, os “cinemões” surgiram a partir da decadência de cinemas familiares na segunda metade do século XX, por conta da concorrência das salas de cinema em shopping centers na década de 1980, considerados por parte da população locais mais limpos e menos perigosos. Como forma de tentar manter financeiramente esses estabelecimentos, que possuíam poltronas e “telona” na qual eram exibidos filmes em 35 mm, a proposta de exibir filmes pornô passou a ser a opção mais rentável.

Nas duas últimas décadas desse referido século, passaram a ser construídos independentemente de se localizarem em cinemas já existentes. Antigos comércios, residências e mesmo estacionamentos deram lugar a espaços improvisados que tinham como proposta o prazer considerado pornográfico – que espetaculariza as sexualidades –, que não se restringia aos filmes, mas se multiplicava em outros atrativos, como shows de sexo explícito, cabines e banheiros para “pegação”, bar, entre outros.

Essas novas arquiteturas também proporcionavam novas territorialidades e sociabilidades. Quando falamos de arquitetura, remetemos não apenas àquela dos estabelecimentos, mas também às arquiteturas dos corpos e das subjetividades. O aspecto labiríntico dos cinemões (com seus corredores, cabines, salas, banheiros, os quais, por conta da forte penumbra, são descobertos não só pela visão, mas pelo tato, cheiro, sons, fluidos) enseja novas formas de (in)visibilidade de corpos e desejos.

Em sua maioria, os cinemas pornô não aceitavam e ainda não aceitam travestis entre seus clientes/funcionários. Tal fato se deve, de acordo com entrevista com um dos donos de cinema pornô<sup>11</sup> do Centro, por conta do estigma de que elas seriam mais perigosas e alheias ao cumprimento de regras. Porém, a partir da década de 1980, o outrora “tradicional”

10 Condessa Mireille Blanche, transformista de Fortaleza, em entrevista concedida à Juliana Justa em 3 de dezembro de 2008.

11 Entrevista concedida em 22 de dezembro de 2015 à pesquisadora Juliana Coelho. As entrevistas e o campo relacionados aos cinemas pornô fazem parte da pesquisa de doutorado em andamento da pesquisadora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

e “familiar” Cine Jangada (Figura 04), fundado na década de 1950, agora com sua nova proposta de cinema pornô, inovou ao permitir que travestis lá entrassem para fazer programa. No entanto, esse espaço não se limitava às atividades de prostituição, pois também eram espaços nos quais se aprendia a “ser travesti” com aquelas mais experientes, a se montar, a construir relações de amizade, de rivalidade, de sedução, além de também ser meio de sobrevivência e de diversão (VALE, 2000).

Dentro dos “cinemões”, em sua espaço-temporalidade singular, as estrelas pornôs não se limitam a atrizes e atores dos filmes exibidos. O Cine Majestick, que surgiu em 1996 (e ainda se encontra em funcionamento), logo após o fechamento do Cine Jangada, também aceitou travestis, sendo o único que ainda hoje continua com essa proposta. Na sala de cinema improvisada desse “cinemão” e em outros espaços, elas são consideradas uma das maiores atrações, são desejadas pela maioria dos clientes e fazem daquele espaço seu holofote de sobrevivência, trabalho, diversão e vulnerabilidade.

Outro aspecto importante, já observado por Nogueira (2009) em sua tese sobre travestilidade e velhice em Fortaleza, é que o Cine Majestick também se constitui um lugar para a sociabilidade de travestis mais velhas, estejam dentro das redes do pornô (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010) – fazendo programa ou cafetinando – ou não. Tal fato foi dito, em 19 de maio de 2015, na concorrida Terça Maluca,<sup>12</sup> por uma travesti de cerca de 50-55 anos, bastante comunicativa. A entrevistada R.,<sup>13</sup> também travesti, 55 anos à época, narrou que vai ao Majestick “de vez em quando” para encontrar amigas, beber um pouco de cerveja e dançar (considera-se aposentada em relação aos programas): “No Majestick, é umas conversando com as outras, divertido, não tem como o Majestick. É mais distinto.”

Apesar de os cinemas pornôs serem bastante sexualizados, considero precipitado rotulá-los unicamente como espaços de busca por práticas sexuais, pois há uma variedade de experiências possíveis, algumas das quais já citadas. Dessa forma, as arquiteturas, sociabilidades e temporalidades de “cinemões” como o Cine Majestick e o extinto Cine Jangada podem ser compreendidas como transtópias, pois esses espaços podem fissurar, momentaneamente, o que se costuma classificar como travesti dentro de um enquadramento da patologia e do desvio (ao mesmo



**Figura 4:**  
Fachada  
Cine Jangada  
(década de 1980)

Fonte: Acervo pessoal do professor Ary Leite, memorialista do cinema cearense.

tempo que isso não “desaparece” simplesmente desse espaço). Dessa forma, nessa transtopia ligada a uma proposta pornográfica de estabelecimentos “adultos”, lida-se tanto com a excitação como com a frustração.

Se há excitação e frustração, ambas estão perpassadas por geopolíticas do desejo, por linhas de visibilidade e silenciamento. Se a penumbra proporciona uma maior visibilidade de certos desejos, esses não podem ser compreendidos fora de uma crítica a normatividades que, na maior parte do tempo, insistem em categorizá-los e materializá-los em dissidentes. Um ideal normativo de corpo bonito e sexualmente atraente, geralmente branco, malhado, não gordo, heterossexual, por vezes faz sentido nas sociabilidades no Cine Majestick, mas – diferente dos corpos esculpidos de acordo com os padrões hegemônicos de homem e mulher, de atrizes e atores dos filmes pornôs exibidos – clientes, travestis, michês podem fazer do corpo velho, gordo, magro demais, calvo, flácido, corpos com pênis e seios, corpos desejáveis e desejanos.

### § § §

Ao longo da década de 1980, as experiências trans se tornaram mais visíveis em Fortaleza. O sucesso do espetáculo teatral *Metamorfose*, composto por atores e atrizes travestis e transformistas (COELHO, 2012; DIAS, 2014; VERAS, 2017); a abertura das primeiras boates, como *Casablanca*, conhecida pelos shows de transformistas e de travestis (COELHO, 2012); a expansão do Concurso “Miss Gay Ceará”, que ocupou o palco do *Theatro José de Alencar*, onde também se apresentaram o grupo *Metamorfose* e as travestis Rogéria, Roberta Close e Jane Di Castro (VERAS, 2017); a criação do Grupo de Resistência *Asa Branca* (GRAB), primeira organização homossexual de Fortaleza, indicam que os tempos e os es-

<sup>12</sup> No Cine Majestick, às terças, a consumação de bebidas fica pela metade do preço. A Terça Maluca foi uma alternativa criada pelo dono para movimentar mais esse dia da semana.

<sup>13</sup> Entrevista realizada em 10 de junho de 2015 por Juliana Coelho.

paços trans eram outros. A busca pelo ordenamento oficial não deixou de produzir “espaços diferentes”

Pensar esses contraespaços como transtopias, nos quais as situações de estigma e de patologização não estão em primeiro plano (apesar de ainda presentes), que estimulam experiências trans de maior liberdade, no traz questionamentos sobre as tensões de poder que constantemente atualizam a cidade de Fortaleza.

As políticas dos espaços na cidade também dizem respeito às políticas dos corpos que nela podem transitar. A morte da travesti Dandara dos Santos, brutalmente espancada até a morte em fevereiro de 2017 em um bairro da periferia de Fortaleza, repercutiu nacional e internacionalmente a violência direcionada às pessoas trans no Brasil, que é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. A reverberação e comoção com a morte de Dandara e a pressão dos movimentos LGBTs do Ceará foram importantes tecnologias sexopolíticas para que o governo do estado do Ceará, em audiência na Defensoria Pública da União em junho de 2017, se comprometesse com a construção do primeiro Ambulatório Especializado no atendimento a travestis e transexuais. O ambulatório, inicialmente, funcionará nas dependências do Hospital Mental de Messejana, deixando entrever que um viés patologizador ainda se faz presente.

Os conflitos das tentativas de normalização de corpos têm como uma de suas consequências mudanças no corpo da cidade. As transtopias, como espaço-temporalidades de maior liberdade para pessoas trans, são espaços políticos de resistência aos muros reguladores que classificam certas experiências de gênero e de sexualidade – mas também de raça, classe, geração, entre outras – em lícitas ou ilícitas. As experiências transtópicas aqui narradas mostram uma cidade em constantes e conflituosos processos de transformação. Ao resistir a opressões e silenciamentos, as transtopias estimulam que a cidade seja um lugar mais habitável, modificando seus contornos e possibilidades de experimentá-la.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COELHO, Juliana Frota da Justa. **Ela é o show**: performances trans na capital cearense. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano (vol. 1)**: a arte de fazer. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- DEFERT, Daniel. “Heterotopia”: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles (Posfácio). In: FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico. As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013, p. 33-55.
- DIAS, Ed Ney Borges. **Trans Olhares**: duas histórias de vida de pessoas trans em Fortaleza. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo**: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico. As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GADELHA, José Juliano Barbosa. **Masculinos em mutação**: a performance *drag queen* em Fortaleza. 2009. 262f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- GONÇALVES, Azimar Sampaio. Desfilando nus. **O Povo**, Cartas do leitor, 8 nov., 1989, p.6.
- GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 07-41, 1995.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.
- NEIVA, Odosvaldo Portugal. Quando a hierarquia gay (ou pelo menos aceita). **Diário do Nordeste**, DN Gente, 4 nov., 1984, p. 3.
- NOGUEIRA, Francisco Jander de Souza. **“Mariconas”**: itinerários da velhice travesti, (des)montagens e (in)visibilidades. 2013. 231f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2013.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões *Queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, janeiro/abril, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Pornotopia**: Arquitectura y sexualidad en Playboy durante La guerra fría. Barcelona: Anagrama, 2010.
- RICARDO, Laécio. Cronista do edifício Jalcy. **Diário do Nordeste**, Caderno 3, 27 jan. 2003, p. 4.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade: Rio de Janeiro: Record, 2011.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema**: cenas de um público implícito. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- VERAS, Elias Ferreira. **Travestis**: carne, tinta e papel. Curitiba: Prismas, 2017. ■